

“O QUE EU MAIS GOSTEI NA ESCOLA FOI DO SEU CABELO”: POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE INFANTIL E DENEGRIDA

Tesista: Camila Machado de Lima¹

Nombre del Programa/Universidad: Doctorado en Educación/ Programa de Postgrado en Educación , Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Brasil.

Director: Dra. Carmen Sanches Sampaio (UNIRIO) Co-director: Dr. Carlos Skliar (FLACSO)

Jurado Evaluador: Dr. Renato Noguera (UFRRJ), Dra. Claudia Miranda (UNIRIO), Dr. Walter Kohan (UERJ), Dra. Claudia Fernandes (UNIRIO), Dr. Tiago Ribeiro; Suplentes: Dra. Graça Reis (UFRJ) e Dra. Adrianne Ogêda Guedes (UNIRIO).

Fecha de Defensa: 17 de febrero de 2020

Para Conceição Evaristo (2016), escritora negra brasileira, a escrita de mulheres negras é atravessada por vivências particulares e coletivas inscritas no corpo-negro-mulher. A *escrevivência*, como a autora conceitua, significa escrever com essa experiência, viver a escrita como exercício, talvez, de reinventar memórias sonegadas, de narrar sentidos marginalizados, de potencializar nossas histórias. E o caminho da investigação e escrita da tese foram trilhados na companhia da negritude do meu corpo, do encontro formativo e infantil com memórias, oralidades, ancestralidades e corporeidades compartilhadas no fazer docente, no formar-se docente com as crianças. Uma escrita que denuncia ausências, tensiona o racismo, afirma uma educação que enegreça

nosso *saberfazer*. Então, que anúncios, palavras e invenções podem se tornar ou se abrem para modos diferentes de fazer-nos docentes numa perspectiva infantil e denegrada?

A pesquisa é gestada, portanto, em meio à inquietudes latentes de movimentos sociais negros em uma sociedade que segue afirmando uma falsa “democracia racial”, na idéia de que a diversidade brasileira é romântica, harmônica e igualitária. Tal discurso invisibiliza e sonega a cor dos corpos que majoritariamente são assassinados nas comunidades e favela brasileiras, a cor das estatísticas sobre feminicídio, a cor ausente dos ocupantes de espaços de poder (mídia, política, grandes empresas, academia universitária), a cor do desemprego, do analfabetismo...

É esta problemática racial que estrutura e organiza as sociedades fruto da colonialidade que se atualiza ao longo da história na América Latina. E, em se tratando de formação docente, precisamos questionar: onde estão as vozes, gritos, corpos e histórias negras nas pesquisas e escritas que produzimos e criamos no âmbito da escola, da educação e da universidade? Que caminhos teóricos, estéticos, éticos e epistemológicos os atravessamentos afro-diaspóricos, indígenas e africanos apontam às nossas pesquisas e práticas?

Assumindo, inspirada em Conceição Evaristo (2016) e bell hooks (2017), uma escrita e investigação atravessadas pela paixão da experiência do corpo negro, outras referências epistemológicas potencializam discussões que colocam no centro modos de pensar, ser, fazer e compreender o mundo, a saber: o pensamento decolonial (SEGATO, 2018) e a afroperspectividade (NOGUERA, 2012, 2019). E de modo afirmativo, trago o conceito de *denegrir* como uma aposta teórica e prática, segundo Renato Noguera (*idem*), de regenerar e revitalizar a existência. Para ele, tornar algo negro significa assentar o pensamento em outras matrizes. E este é, também, um desafio ao qual a tese apresenta para o campo das infâncias e da formação docente.

A pesquisa foi tecida por narrativas (SAMPAIO, RIBEIRO, SOUZA, 2018), minhas e das crianças, entre conversas, toques, afetos, perguntas, palavras (e silêncios), imagens de acontecimentos e experiência no cotidiano escolar do

Centro de Referência em Educação Infantil Realengo, do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro/Brasil). A pesquisa com cotidianos (ALVES, 2001) vive, de alguma maneira, a dinâmica da vida, dos movimentos dos (des)encontros, das perguntas, das pistas que vamos percebendo e sendo afetados no processo de pesquisar e *aprenderensinar*. Não chego à esta instituição para realizar uma investigação, eu sou parte dela, e uma das poucas professoras negras. E as crianças são partícipes e presenças com suas vozes, corpos, desenhos e palavras...

O acervo de registros que realizei como professora e pesquisadora durante alguns anos sustentou a possibilidade de perceber a presença de valores civilizatórios afro-brasileiros(2) (TRINDADE, 2006, 2010) como força criadora de outras práticas educativas e investigativas. Um desses valores é a circularidade, tão presente em rodas de conversa, danças e contação de histórias, mas para além do círculo físico, a circularidade é entendida como uma força que faz as energias circularem, se renovarem, se expandirem sem hierarquização das diferenças. E a tese aposta na circularidade da palavra, das crianças e da professora e pesquisadora.

E a oralidade, outro valor da cultura afro-brasileira, também se entrelaça com a infância vivida pelas crianças. Uma oralidade que é corpo, onde através dela as crianças expressam e constroem narrativas incríveis, criativas e complexas. Não existe oralidade sem o outro, um outro que alimenta

a conversa, que aprende junto, que questiona, faz perguntas, e que também tem o seu potencial transmissor, de levar adiante as palavras, de deixá-las ressignificar na partilha. Para os iorubás, a oralidade guarda os arquivos de sua civilização e a *palavra enunciada carrega a força da realização* (XAVIER, 2013, p. 253). A oralidade é uma forma de registro encarnada, na palavra dá corpo, na palavra que forma memórias, na palavra que cria realidades.

Assim, a pesquisa se delineou para articular uma relação infantil com a docência, habitando outro tempo para afirmar a infância. Segundo Noguera (2019), o papel da educação é manter a infância e fazê-la maior. E, partindo deste princípio, saímos da compreensão da infância somente como categoria geracional e cronológica, para um entendimento de que as crianças estão *a priori* mais investidas de infância. Entretanto, um corpo adulto também pode experienciar a infância. E como uma criança disse: “Infância é quando é pequeno e grande” (Rebeca, 5 anos). Neste sentido, uma das defesas que a tese apresenta é a da aproximação deste conceito de *infância* com o valor civilizatório afro-brasileiro da *energia vital* (*axé*). O princípio do *axé* é a vontade de viver e aprender com ânimo, alegria, acreditando na força do tempo presente. E a infância, na investigação, é considerada como energia vital, uma força que cria, inventa e sustenta a vida.

E, conectando com este modo de pensar, outra criança, Anita (5 anos) fez o desenho que, segundo ela, é uma

máquina do tempo para voltar à infância, “mas que continua com o corpo de gente adulta”. Ou seja, a máquina de Anita não afeta o tempo cronológico, pois o corpo permanece biologicamente adulto. Em outras palavras, podemos compreender que a infância habita uma temporalidade que sim, pode ser capaz de voltar a alguns sentidos, imagens, possibilidades e potências da infância de um corpo criança. Mas, também, no corpo adulto em estado de infância, que nos ensina e provoca nossos saberes, coloca em questão lugares impensados, palavras desconhecidas, momentos inesperados, encontros intensos... Anita, com seu desenho, reafirma que a infância não é algo que se abandona, que estar em estado infantil é possível no corpo adulto que habitamos, porém requer o nosso deslocamento, o nosso desejo, a nossa abertura, nossa aproximação com outra temporalidade.

As tradições de matrizes africanas apresentam uma perspectiva de tempo que valoriza o passado. Este tempo pretérito, nos saberes africanos e afro-diaspóricos, tem uma relação fundamental com a memória e com a ancestralidade. Memória e ancestralidade também são valores civilizatórios afro-brasileiros que constituem um relação outra com o tempo. O elemento da ancestralidade potencializa uma lógica de continuidade que dá sentido, desde o presente, ao passado e possibilita projetar futuros (FLOR DO NASCIMENTO, 2012), trata-se de uma experiência com a memória.

Além do movimento e compromisso,

na tese, de atravessamentos epistemológicos em afroperspectiva reconceitualizando palavras e modos de compreender a infância e seus atravessamentos filosóficos e práticos, o tema da educação das relações étnico-raciais também surge com força no cotidiano com as crianças negras. Um especial destaque é dado ao cabelo crespo, como elemento disparador de reconhecimento, presença e afirmação da negritude. O meu cabelo crespo, da professora, que irrompeu novidades e encontros, fortalece a defesa do que a Lei 10.639 (BRASIL, 2003) traz como obrigatoriedade educativa: o ensino das culturas e histórias africana e afro-brasileira. Assim, inspirada em bell hooks, apresento alguns “ensaios de celebração” que caminham, inclusive, por estas experiências compartilhadas com as crianças. Um desses ensaios de celebração foi com Dafyne (4 anos), uma criança negra que me aproximei no pátio, no primeiro dia de aula de 2017, e chamei para conversar:

- *Oi! Tudo bem, amiga? Qual o seu nome?*

- *Dafyne. E o seu?*

- *Meu nome é Camila. Me diz uma coisa: você está gostando da escola?*

- *Sim, muito.*

- *Do que você mais gostou até agora?*

- *Do seu cabelo!*

- *Eu também gostei muito do seu.*

Por este caminhar e outras vivências, chamei de “infância do cabelo crespo” estes encontros que foram se enraizando e se emaranhando na negritude, na insurgência de um cabelo que conta histórias, que narra processos e que se encrespam, assumindo uma dinâmica espiralada, volumosa, forte e resistente (mesmo perante lógicas ocidentais e colonizadas de beleza, pois nossos cabelos – e nossos corpos negros – foram negligenciados, silenciados, embranquecidos, alisados, domados, diminuídos). O cabelo crespo como infância seria afirmar, também, sua energia vital.

Por uma formação docente infantil e denegrada... Uma formação que tenha o prolongamento da infância como princípio, que aposte de movimentos e caminhe em direção à infância do pensar, do sentir, do estar no mundo e de denegrir as relações educativas, torná-las enegrecidas pelo sentidos afro-diaspóricos e africanos que apresentam possibilidades outras de existência e de manutenção das nossas energias vitais. A infância também habita corpo grandes, ela nos faz circular, dançar, criar, pular, narrar, celebrar e perceber processos plurais de interconexão entre corpos e pensamentos. Quiçá, só se forme docente quem se infancializa.

Notas:

(1) Doctora em Educación (UNIRIO). Magister en Educación (UNIRIO). Licenciada en Pedagogía (UERJ). Miembra de la Asociación Brasileña de Pesquisadores/as Negros/as

“O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo”: Por uma formação docente infantil e denegrida

(ABPN) y Profesora en el Colégio Pedro II, Brasil.

(2)A saber: energia vital, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperatividade, religiosidade, memória e ancestralidade.

Referencias bibliográficas

ALVES, N. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 53-62. 2001. Editora da UFPR.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Jindengue – Omo kékeré: notas a partir de alguns olhares africanos sobre infância e formação. In: XAVIER, I. M.; KOHAN, W. O. (Orgs.). *Filosofar: aprender e ensinar*. Belo Horizonte: Antêntica Editora, 2012.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

NOGUERA, R. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 62-73.

_____. Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidade, Culturas e Artes – UNIGRANRIO*. vol. 1, n. 15 (2017).

_____. Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 31: mai.out./2019. p. 53-70.

SAMPAIO, C. S.; RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de.; SAMPAIO, C. S. (orgs.); *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SEGATO, R. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TRINDADE, A. L. da. Em busca da cidadania plena. In: *A cor da Cultura - Saberes e fazeres: modos de ver*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

_____. Valores Civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, P.; TRINDADE, A. L. da. (orgs.). *Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

XAVIER, J. T. de P. Os versos sagrados de ifá: base da tradição civilizatória iorubá. In: TRINDADE, A. L. da. (Org.). *Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro*. Rio de Janeiro: TV Escola /MEC, 2013.